

Adolescências, vulnerabilidades e laço social: O caso da Baleia Azul

O que chamamos de “Adolescência” na verdade deveria ser chamado de “Adolescências”. O fenômeno adolescente é uma construção cultural e vivemos num mundo onde convivem diferentes realidades culturais. Cada uma delas “fabrica” uma adolescência em particular. No Brasil, multicultural, também convivem diferentes realidades que criam diferentes ambientes onde estas adolescências vão se manifestar. Também cada um destes ambientes cuida, protege e determina vulnerabilidades com relação aos jovens (como assim também às crianças).

É justamente pela via das vulnerabilidades que podemos nos aproximarmos ao entendimento dos porquês um jovem pode participar de jogos suicidas ou seus equivalentes. Hoje nos convoca o tema do jogo chamado “Baleia Azul” que pelo que sabemos teve sua origem na Rússia e que foi se disseminando via redes sociais.

O jogo propõe uma série de desafios. Nada mais próximo ao mundo adolescente que o de estar desafiando continuamente os pais, a escola, a sociedade, a vida. Ao mesmo tempo mexe com a possibilidade do jovem se sentir “dono” da sua vida, de se sentir capaz, de poder dizer, “eu posso!”. Também temos que levar em conta a relação de conflito e desconforto que o jovem tem com seu próprio corpo, se tornando então o alvo da violência e agressividade. Por isso, dentre muitas outras razões, é que o jogo se torna uma via por onde o sofrimento adolescente pode se manifestar.

O que é importante destacar é que o jogo se inscreve numa história singular, a de cada adolescente e da sua família. Não podemos associar os efeitos devastadores que potencialmente um jogo pode ter de forma exclusiva com uma patologia como a depressão. De fato, poderíamos enumerar uma longa lista de problemáticas que poderiam levar alguém ao suicídio ou a automutilações só por dar um exemplo.

Em termos de prevenção, deixar fixada uma associação deste tipo pode ter efeitos indesejados, levando aos pais a falsas interpretações ou conclusões: “como meu filho não joga o jogo da “baleia então posso estar tranquilo porque significa que ele está bem e não me necessita”.

Esta é uma das ficções que nossa sociedade cria no sentido de pretender achar a causa ou o culpado do fracasso de um modelo social que é na realidade a que coloca esses jovens na situação de vulnerabilidade e expostos a este como outros tantos jogos como por exemplo quando a vida parece definir-se a partir de um vestibular ou de um concurso público. Às vezes estes outros jogos são tão ou mais perigosos que o desta “baleia”. Necessitamos, se de saúde mental estamos falando, ampliar a compreensão a muitos outros fenômenos que fazem parte do cotidiano.

Nada mais preventivo que afiançar os laços, sejam estes familiares, de amizade, de solidariedade entre jovens e jovens e entre jovens adultos, para evitar as consequências que não só um jogo (que muito provavelmente virá história em poucas semanas) coloca como desafio ao mundo contemporâneo.